

O “POPULAR” E O “ERUDITO” NA HISTÓRIA E NA LITERATURA A PARTIR DE OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Sara Munique Noal¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo explicitar algumas das possibilidades de interação entre a História e a Literatura a partir dos escritos de Carolina Maria de Jesus. O eixo principal dessa discussão é a relação entre a “cultura popular” e a “cultura erudita” na constituição de Carolina enquanto trabalhadora e escritora. Essas questões fazem parte das discussões que estão sendo desenvolvidas em minha dissertação de mestrado intitulada “Carolina Maria de Jesus: registros das formas de pensar e sentir dos trabalhadores pobres no Brasil (1920-1970)”. Para o desenvolvimento desse artigo, em particular, utilizaremos como fontes os diários *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita* e o romance *Pedaços da Fome*.

Palavras-chave: História, Literatura, Cultura Popular, Cultura Erudita, Trabalhadores.

"POPULAR" AND "ERUDITE" IN HISTORY AND LITERATURE FROM THE WORKS OF CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract: This article aims to explain some of the possibilities of interaction between History and Literature from the writings of Carolina Maria de Jesus. The main axis of the discussion is the relation between "popular culture" and "erudite culture" in the constitution of Carolina as a worker and writer. These issues are part of the discussions being developed in my master's dissertation titled "Carolina Maria de Jesus: records of the ways of thinking and feeling of poor workers in Brazil (1920-1970)." For the development of this article, in particular, we will use as sources the journal *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita* and the romance *Pedaços da Fome*.

Keywords: History; Literature; Popular Culture; Erudite Culture, Workers.

1. INTRODUÇÃO – HISTÓRIA E LITERATURA, UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Ler é sempre um exercício prazeroso, principalmente quando se trata de literatura. Romances, ficção científica, suspense, dramas, entre tantos outros gêneros que nos possibilitam viajar sem sair de casa, do conforto de nossos lares.

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon. Email: saramunIQUE@hotmail.com

Comumente, pensamos a literatura como uma forma de lermos algo descontraído, em um momento de descanso, como um entretenimento prazeroso. Mas ela pode ser muito mais que isso. Não tão recentemente, a Literatura passou a ser usada, no campo da História, como fonte, material de pesquisa.

Importantes autores, como E.P. Thompson e Raymond Willians, conhecidos pelo rigor com o tratamento das fontes, utilizaram em diversas pesquisas a literatura como forma de compreender e problematizar o passado. Ambos os autores, por exemplo, utilizam em suas pesquisas obras de Thomas Hardy como forma de compreender aspectos das transformações sociais da classe trabalhadora. Willians se debruça a compreender as rupturas e continuidades da saída do campo para a cidade, ou o retorno da cidade para o campo, a partir das obras de Hardy. Thompson, por sua vez, utiliza as mesmas obras para entender os processos de mudanças e os confrontos entre uma “educação popular”, formada na experiência e uma “educação erudita”, adquirida pela educação formal.

Esses são apenas alguns exemplos das possibilidades de interação entre a História e a Literatura, mas existem “n” outras perspectivas. No entanto, ao trabalharmos com essa interdisciplinaridade algumas reflexões se fazem necessárias, principalmente do ponto de vista teórico-metodológico.

A primeira delas é a de que Literatura não é História e História não é Literatura. Há algum tempo, algumas correntes teóricas vêm questionando até que ponto História não seria apenas mais um gênero da Literatura. Hayden White, um polêmico teórico literário estadunidense, vem gerando grandes debates no campo da historiografia ao colocar que essa, mais do que um gênero literário, é, ela mesma, uma literatura, uma ficção. Pois, segundo este autor, o historiador seleciona as “intrigas”, os fatos a serem narrados, o caminho da escrita, etc. Em outras palavras, tanto a história como a literatura são impulsionadas por um universo vocabular semântico e expressivo².

² BARROS, José D'Assunção. *História e Literatura – Novas relações para os novos tempos*. Contemporâneos, revista de artes e humanidades, n° 6, mai-out 2010.

A historiografia, segundo White, não seria então resultado de uma realidade externa, mas de uma estruturação interna, que já estaria “pré-programada” no próprio pensamento do historiador, reduzindo a historiografia a uma dimensão estética. Assim, os fundamentos para se escolher uma perspectiva da história seriam antes estéticos ou morais do que epistemológicos³.

No entanto, White parece esquecer que a historiografia não é fruto da imaginação do historiador, mas segue um rigor teórico e metodológico que precisa estar claro e visível ao leitor. Além disso, o historiador tem sempre a preocupação em comprovar a veracidade daquilo que está sendo dito, a partir das referências bibliográficas, fontes e indícios. São esses elementos que atestam o caminho realizado para chegar a determinada hipótese. O literato, por sua vez, não tem a necessidade de comprovar o que está dizendo. Embora muitas obras³, se baseiam na realidade e no contexto vivido para a sua produção, sua escrita pode ser inventiva, ficcional, fantástica.⁴

Carlo Ginzburg também aponta que o saber histórico é “indireto, indiciário e conjectural”.

[...] os historiadores - lidem eles com fenômenos recentes ou mesmo em processo – nunca se aproximam diretamente da realidade. Seu trabalho é necessariamente inferencial. Uma evidência histórica pode ser tanto involuntária (um crânio, uma pegada, despojos de comida) quanto voluntária (uma crônica, um ato notório, um garfo).⁵

Assim, a produção do conhecimento histórico não é experimental e, simplesmente, quantitativa, da mesma forma que o saber das ciências naturais, ou saber “galileano”, que tinha como natureza o geral e não o individual. Primeiramente não podemos “experimentar” em um laboratório uma determinada hipótese histórica. Seria impossível, por exemplo, reconstruir a batalha de Waterloo tal e qual ela aconteceu, nem mesmo o que levou a ela, ou suas

³ *Idem*.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.81.

⁵ GINZBURG, C. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. da. (Org.). *Nova história em perspectiva: propostas e desdobramentos*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. v. 1, p. 348.

consequências. Em segundo lugar, os fatos históricos não são gerais, ou motivados sempre pelo mesmo “sintoma”, possuem especificidades, como nos estudos de E.P. Thompson sobre os motins da fome no século XVIII na Inglaterra, onde o autor buscava compreender como os costumes, tradições e valores de determinado grupo social motivaram seus modos de agir.⁶ Dessa forma, a fonte seria então um indício a ser analisado, problematizado e confrontado com outros materiais, debates bibliográficos referentes ao período, com o intuito de se compreender, mesmo que parcialmente, os acontecimentos do passado.

Contudo, reconhecer as diferenças existentes na produção literária e na produção historiográfica não restringe as possibilidades de interação entre ambas. Tanto a Literatura como a História podem ser formas de explicar o presente vivido, ou entender determinado contexto. Mais do que isso, ambas são formas de demonstrar inquietações e questões de sua época. Segundo Pesavento,

[...] ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. [...] ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.⁷

A Literatura está contida na realidade e na História porque retira destas os elementos que compõem os romances, as biografias, os contos.⁸ Já a História se nutre imensamente da literatura, tornando-a assim fonte, material de pesquisa. É nesse sentido que as obras de Carolina Maria de Jesus podem ser relevantes do ponto de vista que interessa o historiador. Seus escritos literários, além de serem parte da cultura da classe trabalhadora, revelam modos de viver que também são próprios dessa classe. No entanto, mais do que isso, ela nos fornece relatos que revelam os embates entre uma moral imposta a classe trabalhadora e a moral que é construída dentro da própria classe, no seu próprio “fazer-se”. Essa questão pode

⁶ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.81.

⁸ BARROS, José D'Assunção. *História e Literatura – Novas relações para os novos tempos*. Contemporâneos, revista de artes e humanidades, n° 6, mai-out 2010. p.2

ser entendida como resultado da própria experiência de Carolina. Segundo E. P. Thompson,

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência humana] - não como sujeitos autônomos, "indivíduos livres", mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, "relativamente autônomas") e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.⁹

São as experiências de Carolina, narradas nos livros, que nos permitem observar indícios de um processo histórico marcado pela contradição, a partir de uma visão de baixo. É a experiência¹⁰ que permite a inclusão ou exclusão de certos trechos, ou o aperfeiçoamento das narrativas, dos diálogos, ou seja, é ela que dá o tom da escrita, tanto dos diários como dos romances, contos, poesias e provérbios. Esse talvez seja o ponto que mais chama atenção no que tange a escrita de Carolina, a experiência está sempre presente. Mesmo quando Carolina se propõe a escrever ficção, o enredo, a descrição dos lugares, os acontecimentos narrados se conectam, direta ou indiretamente, com a realidade vivida por ela.

Toda literatura está contida na realidade histórica, pois foi produzida em um determinado contexto, por um ser social. Em outras palavras, toda literatura é social e historicamente referenciável e, portanto, é necessário sempre analisar o contexto histórico e social em que foi produzida. Antonio Candido, importante sociólogo e crítico literário aponta que,

⁹ THOMPSON. E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1981. p. 225-226.

¹⁰ Segundo Thompson, "Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, "indivíduos livres", mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua *consciência*, e sua *cultura* (...) das mais complexas maneiras (sim, "relativamente autônomas") e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada". THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 p. 225-226.

Só podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.¹¹

Nesse sentido, a experiência e a própria forma como a autora interpreta a realidade vivida e observada por ela, se tornam o principal elemento constitutivo da relação entre história e literatura de um ponto de vista importante para o historiador. Assim, a literatura aparece tanto como uma chave crucial para acessar fatos com relevância histórica, como uma forma de observarmos vestígios menos palpáveis de tais fatos que ainda não tenham sido devidamente examinados. Conforme Lígia Chiappini, “vestígios que se captam pela sensibilidade, intuição ou imaginação, por metáforas mais que por conceitos”.¹²

Carolina possui cerca de 7 livros publicados, 3 diários, um romance, um livro de poesias e um de provérbios. Além disso, em 2014 foram publicados outro com 2 contos da autora no livro *Onde Estaes Felicidade?*, organizado por Raffaella Fernandez e Dinha. Cada um desses livros nos permitem analisar e problematizar uma série de questões relevantes para a história do Brasil no século XX e principalmente para a história dos trabalhadores brasileiros. Dentre as questões mais relevantes presentes nas obras podemos observar os modos de vida e costumes dos trabalhadores, as relações entre a classe trabalhadora e desta com a classe burguesa, as relações de poder, as sucessões de regimes políticos e suas consequências para a classe trabalhadora, entre outras.

Em meu trabalho de conclusão de curso trabalhei com o livro *Quarto de Despejo* (1961) de Carolina, e a peça de teatro *Homens de Papel* (1967) de Plínio Marcos. Nessas obras podemos observar as rupturas e continuidades das políticas econômicas e sociais em relação aos trabalhadores no governo populista de

¹¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 13-14.

¹² LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Literatura e História*. In Revista Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. São Paulo: USP, 2014.

Juscelino Kubistchek e posteriormente na ditadura militar. A obra de Carolina, especificamente, foi importante para compreendermos, por exemplo, a visão de trabalhadores muito pobres sobre o Estado brasileiro na década de 1950 e como a falta de políticas públicas, aliada à profunda carência material, gerava situações desesperadoras na vida dos moradores da favela do Canindé, lugar onde residia Carolina no momento da produção de *Quarto de Despejo*. A violência, as disputas, a fome e o trabalho informal são exemplos que aparecem com frequência ao longo da obra, bem como a relação de trabalhadores muito pobres com as práticas populistas dos políticos desse período, como o próprio Juscelino Kubistchek e também com Adhemar de Barros, então prefeito de São Paulo.

Já na dissertação de mestrado, que se encontra em processo de desenvolvimento, a questão principal retirada das obras é a construção da moralidade dos trabalhadores no Brasil no século XX. Dentro desta problemática alguns pontos serão abordados, como as aproximações e distanciamentos entre a “cultura popular” e a “cultura erudita”¹³ na trajetória de se fazer trabalhadora e escritora de Carolina, a construção do valor da honestidade e do trabalho, entre outras.

2. O POPULAR E O ERUDITO NAS OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina nasceu no ano de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Neta de ex-escravos, sempre foi de família muito pobre. Começou a frequentar a escola por volta dos 7 anos de idade, ou seja, por volta de 1921, graças a então patroa de sua mãe, dona Maria Leite, que custeou seus estudos. “Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite insistiu com mamãe para enviar-me à escola”.¹⁴ O fato de

¹³ E.P. Thompson, no artigo "Educação e Experiência" busca analisar as relações estabelecidas ao longo dos séculos XVIII e XIX, entre a "cultura popular", forjada na experiência, no costume e na tradição dos trabalhadores (ou das classes populares) e a "cultura erudita", uma cultura restrita às elites, aprendida por meios da instrução formal. O mais interessante é que Thompson não se limita a analisar a hierarquização da "cultura erudita" em relação a "cultura popular" ao longo do processo histórico, mas busca também apontar a necessidade de uma interrelação entre ambas as culturas, ou "uma dialética entre a educação e a experiência". THOMPSON, E. P. *Os Românticos*. A Inglaterra na era revolucionária. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

¹⁴ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.126.

ter frequentado a escola e ter aprendido a ler e a escrever já caracterizavam Carolina como uma exceção em relação a uma maioria de trabalhadores, e principalmente de trabalhadores negros, visto o recente fim da escravidão e suas consequências históricas. Segundo o censo de analfabetismo realizado em 1920, naquele momento, cerca de 71,2% da população era analfabeta, sendo que em Minas Gerais 75,4% da população com 5 anos ou mais era analfabeta¹⁵. Se pensarmos que os estudos de Carolina haviam sido pagos por uma mulher de posses, Carolina era ainda mais exceção ainda, visto que essa minoria alfabetizada, muito provavelmente, era parte da elite branca da época.

Nesse sentido, toda a vida adulta de Carolina foi marcada por essa tentativa de conciliação entre o trabalho e os estudos, mesmo antes de ir morar na favela do Canindé. Ao mesmo tempo em que trabalhava em diferentes ocupações, (catadora de papel, doméstica, lavadeira de roupa, por exemplo), também buscava continuar seus estudos de forma autônoma, lendo livros, revistas e jornais e também escrevendo suas próprias histórias. Histórias, estas, que eram baseadas em sua trajetória, experiências vistas e vividas por ela. No entanto, essa conciliação não foi simples ou fácil, visto os motivos já apontados: a exclusividade de alguém como ela, que se encontrava em um lugar social extremamente precarizado, ter acesso à educação e a necessidade de conciliar o trabalho, geralmente extenuante, com os estudos autônomos.

Além das dificuldades sociais que Carolina encontrou para continuar seus estudos, o fato de saber ler e escrever resultou em um certo “estranhamento” entre seus vizinhos e familiares, também da classe trabalhadora. Quando estava em Sacramento chegou a ser presa por estar lendo um livro. Foi denunciada por uns rapazes que acreditaram que ela estava lendo um livro de feitiçaria.

Um dia estava lendo, passaram uns rapazes, pararam e pediram para ver o meu dicionário, entreguei o livro para eles olharem. Olharam e disseram:

- Ah, é mesmo o livro de São Cipriano. Como é pesado.

¹⁵ KREIDLOW, Daniel; FERRARO, Alceu Ravanello. *Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais*. Revista Educação e Realidade, UFRGS. v. 29, n. 2, 2004.

Percebi que eles eram pernósticos e fiquei com dó.¹⁶

Em São Paulo, já morando na favela do Canindé, ela também não foi totalmente aceita devido a essa condição, principalmente por suas vizinhas. Em 20 de julho de 1955 ela relata em seu livro: "Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...). Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo".¹⁷

Este autorretrato que Carolina faz de si mesma explicita as contradições que ela vivia, sua instrução era ao mesmo tempo uma qualidade e um estigma. Segundo Thompson, "a tensão [entre a educação formal e a experiência] se expressa no próprio meio de instrução, a linguagem".¹⁸ Podemos perceber isso nos próprios textos de Carolina, onde ela utiliza palavras pouco recorrentes na língua popular como "abluir"; "aleitar"; "astro-rei", entre outras.

Mas a figura de Carolina revela mais do que inadequação. Como mulher pobre e trabalhadora, a sua trajetória e seus escritos revelam uma dimensão importante da relação entre "cultura popular" e "cultura erudita" que escapa aos moldes da educação formal. Em suas obras, podemos perceber uma síntese própria de culturas opostas que permitem a ela ver e analisar o mundo dentro de uma linguagem singular, uma linguagem de Carolina. Em determinados momentos, podemos observar um intercâmbio entre uma e outra, visto que tanto a educação formal quanto a experiência são partes de um mesmo sujeito histórico. Mais do que isso, em alguns momentos a erudição complementa o saber tradicional, enquanto em outros, esse saber tradicional era utilizado para explicar algo do ponto de vista da erudição. Respeitando os limites, essa relação se estabelecia de forma dialética na constituição de Carolina e de suas obras. Nesse sentido, apesar de ser

¹⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.181

¹⁷ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 22.

¹⁸ THOMPSON, E. P. *Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. p. 33.

recorrente, não é a contradição que define as obras - como também não é na contradição que se finda o processo histórico.

Thompson já observou essa questão. Ao analisar a separação e a aproximação entre educação (do ponto de vista formal) e a experiência, na literatura inglesa entre os séculos XVIII e XIX, aponta 3 formas de concebê-las. Uma que valoriza apenas o culto ou formal, outra que valoriza apenas a experiência e uma terceira via, em que a educação e a experiência são vistas a partir de uma relação dialética. A terceira forma é analisada a partir da obra *Judas, o obscuro*, de Thomas Hardy. Nesse romance Judas, o personagem central, luta contra todas as adversidades para conseguir entrar em uma universidade. O fato de ser de família pobre o obriga a estudar de forma autodidata, conciliando o trabalho de pedreiro (ou restaurador de prédios antigos) com o trabalho intelectual. Segundo Thompson, "o convincente do romance é a manutenção do equilíbrio de valores, a inter-relação dialética entre as disciplinas intelectuais e a 'vida em si mesma'".¹⁹

Essa inter-relação também pode ser vista em Carolina. Embora seus estudos não fossem sistematizados como os de Judas, nem seus objetivos os mesmos, a educação e a experiência vivida se misturavam em sua vida e em suas obras. Pensar essa interação entre a cultura popular e erudita nos ajuda a visualizar o outro lado desse processo, onde ambas se encontram e adquirem novos sentidos no "universo" de Carolina. Exemplo disso é o romance *Pedaços da Fome*, publicado em 1963.

A estrutura desse romance é bem característica de obras clássicas de nossa literatura. Segundo a autora Elzira Divina Perpétua, em seu artigo "Aquém do Quarto de Despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário", era esse tipo de literatura que Carolina pretendia publicar como escritora (e não os diários que acabaram se tornando suas obras mais referenciadas,

¹⁹ THOMPSON, E. P. *Os Românticos*. A Inglaterra na era revolucionária. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. p. 39.

principalmente *Quarto de Despejo*), uma literatura que se aproximava de escritores que ela tinha como referência, como por exemplo, Casimiro de Abreu.²⁰

Pedaços da Fome possui um narrador em 3º pessoa, se aproximando do que Friedman chamou de "narrador onisciente neutro", que está sempre presente, mas que se limita a narrar a cena, as ações dos personagens, sem tecer críticas ou comentários a respeito.²¹ É certo que possui suas falhas, mas, como não estamos analisando o romance do ponto de vista da crítica literária, elas não se tornam relevantes de serem problematizadas.

O Romance conta a história de uma moça, Maria Clara Fagundes, filha de um coronel e moradora de uma cidade interiorana. A moça, branca, delicada, rica e a procura de um amor, nos faz lembrar de vários romances clássicos. Certo dia Maria Clara passeava no parque da cidadezinha quando conheceu um moço de nome Paulo Lemes. Paulo era bonito, morava na capital paulista e se dizia dentista. Logo os dois se apaixonaram e decidiram se casar. O pai de Maria Clara não aceitou de bom grado o relacionamento, pois não conhecia o rapaz, mas acabou cedendo aos pedidos da filha. Logo após o casamento o casal se muda para a cidade de São Paulo, onde Paulo dizia ter um consultório. Ao chegarem na capital, Maria descobre que Paulo não era dentista, muito pelo contrário, era pobre, morava em um conjunto habitacional - que mais tarde Carolina chamou de Favela - e não gostava de trabalhar.

Na medida em que vamos lendo a obra e as situações vividas por Maria Clara vamos observando conexões - diretas e indiretas - com a própria experiência vivida e observada por Carolina ao longo de sua trajetória, principalmente após a chegada (tanto dela como do casal) à cidade de São Paulo.

De início, já chama a atenção o trajeto percorrido pelos personagens, a saída do campo para a cidade. Carolina vivencia essa experiência e também a observa com grande frequência, principalmente durante a década de 1930. Segundo conta

²⁰ PERPÉTUA, Elzira Divina. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 22. Brasília, janeiro/junho de 2003.

²¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. São Paulo: Ática, 2002. p. 33-37.

em *Diário de Bitita*, depois da "revolução" de Getúlio, "os moços pobres, que se fardaram e entraram no estado de São Paulo, não mais voltaram para os seus estados. Conseguiram emprego em São Paulo".²² A visão de prosperidade atribuída à capital fazia parte da grande propaganda para atrair trabalhadores, que saíam de regiões mais remotas em busca de trabalho e melhores condições de vida. "É em São Paulo que os pobres vão viver, é em São Paulo que os jovens vão instruir-se para se transformar nos bons brasileiros de amanhã".²³ Já em *Pedaços da Fome*, Maria Clara fala para Paulo:

Ouvi dizer que a mulher que se casa com um homem paulista não sofre, está amparada na vida, que o paulista é atilado. É nobre e sensato. Que são homens decentes. Que prezam a sua dignidade. Que tem noção de deveres. Que são previdentes aprendendo um ofício. Quem nasce em São Paulo tem possibilidades de aprender um ofício, porque São Paulo é a Capital da indústria. E todos encontram trabalho. Quem nasce em São Paulo nasce em um escrínio de ouro por ser bom elemento.²⁴

A base do discurso é a mesma, mas no caso de Maria Clara, a fama da cidade é transferida para "o paulista", como sendo um homem trabalhador, que tem um "ofício" definido. Essa "adequação" do discurso da protagonista do romance corresponde melhor ao seu papel, visto que era uma menina rica, que acreditava estar casando com um "doutor da capital" e, portanto, estaria - ou continuaria - "amparada".

O espaço onde vão residir em São Paulo, uma habitação coletiva, além de lembrar alguns aspectos da favela, também foi lugar de morada de Carolina nos primeiros anos em São Paulo. Moravam em um quartinho alugado, quase sem mobília, que não tinha forro, e as paredes eram enegrecidas, como as do barraco dela na favela "Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres".²⁵ Assim, a estória contada no livro se conecta a experiência vivida por ela.

²² JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.158

²³ *Idem*. p. 203

²⁴ JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da Fome*. São Paulo: Editora Aquila LTDA, 1963. p. 35

²⁵ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 175.

Essa relação também pode ser percebida mais profundamente em outros momentos. Exemplo disso é a questão do trabalho e da condição de exploração vivida por Maria Clara em São Paulo. Quando chegou a capital, não sabia fazer muita coisa, visto que sempre foi uma menina rica, que não tinha necessidade de trabalhar ou aprender um ofício. O que melhor sabia fazer era costurar, atividade geralmente atrelada as mulheres, como uma necessidade mesmo aquelas que seriam “donas de casa”. Assim, logo que teve uma oportunidade saiu a procura de uma máquina de costura.

Andando pelas ruas como autômata, dirigiu-se a casa de máquinas, perguntando pelo gerente. Um empregado conduziu-a ao escritório. Depois dos cumprimentos, ela explicou o que desejava: trocar as jóias por uma máquina de costura.²⁶

A máquina de costura também é simbólica nas narrativas de Carolina. Em vários momentos ela manifesta o desejo de comprar uma máquina de costura. A primeira vez que manifesta esse desejo é em meados de 1955. Em 16 de janeiro de 1959 ela ainda não havia realizado esse sonho, já que um de seus pretendentes, o cigano de nome Raimundo, promete dar-lhe uma máquina de costura.²⁷ Em 4 de junho de 1959 novamente a máquina de costura é mencionada, também como um possível presente de um pretendente “A dona Adelaide veio trazer a minha blusa de lã e ficou admirada vendo o senhor Manuel dentro de casa. (...). Ela me olhou com repugnância quando eu disse que ele vai me dar uma máquina de costura e um rádio”.²⁸

Essas questões talvez nos indiquem como a máquina de costura poderia ser uma forma de complementar a renda, ou mesmo servir como uma aliada na produção de roupas para ela e os filhos, se tornando mais baratas do que se fossem compradas prontas. Mais do que isso, a fato de ambos os pretendentes prometerem uma máquina de costura de presente e a reação da dona Adelaide ao saber dessa

²⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da Fome*. São Paulo: Editora Aquila LTDA, 1963. p. 80

²⁷ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 156.

²⁸ *Idem*. p. 169.

possibilidade, podem ser indícios da importância dessa “ferramenta” para quem sofria com trabalhos precarizados e mal remunerados.

Dentro dessa nova realidade em que se encontrava Maria Clara, onde o trabalho passou a ser parte da sua vida, ela também viveu a condição de explorada,

Eu não conhecia a mania dos ricos porque quando somos ricos não percebemos o quanto a nossa exigência escraviza uma pessoa. Mas eu também obriguei muitos pobres a curvar-se aos meus pés. (...) os ricos pensam que os pobres desconhecem os sentimentos; que são insensíveis. Aos ricos nunca podemos fazer advertências porque eles é que predominam. Agora que sou pobre é que tenho dó dos pobres. Porque compreendo o seu sofrimento.²⁹

Essa conclusão a que chega Maria Clara é simbólica no conjunto da experiência de Carolina. Em *Diário de Bitita*, ela conta várias histórias de quando trabalhava como doméstica, cozinheira e lavadeira, e em diversas casas em que trabalhou foi acusada de ser vagabunda, preguiçosa, desleixada, entre outros pejorativos. Em uma dessas histórias ela narra que foi acusada de roubar cem mil réis de um Padre.

Eu só ouvia a palavra: "Sumiu! Sumiu! Deve ter sido ela". Eu estava estendendo as roupas quando vi chegarem dois soldados. (...) Fui presa por dois soldados e um sargento. Pensei: "Será que eles vão me obrigar a percorrer as ruas com as crianças gritando: a Bitita roubou cem mil-réis. - A Bitita roubou cem mil-réis! Compreendi que todos os pretos deveriam esperar por isso. Quando o soldado ia me bater, o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira dos cigarros."³⁰

Apesar das diferenças, como o fato de Carolina associar a sua condenação imediata à cor da pele - "compreendi que todos os pretos deveriam esperar por isso" - enquanto Maria Clara se refere diretamente a condição de classe - até porque a personagem era branca - não escondem elementos que se conectam. José Carlos Gomes da Silva já havia observado que "as condições opressivas do trabalho doméstico, que Carolina vivenciara entre 1937 - 1948, aparecem alegoricamente

²⁹ JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da Fome*. São Paulo: Editora Aquila LTDA, 1963. p. 116.

³⁰ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.145-146.

no romance".³¹ A reflexão feita por Maria Clara parece trazer consigo um tom de advertência, ao mesmo tempo que também parece um desabafo.

A advertência aparece pela forma como é desenrolada a história e pelas próprias palavras da personagem, que se via na condição de opressora quando possuía a riqueza e o poder do pai. Ela, que já havia escravizado os pobres, agora se encontra no lugar deles e só por esse motivo conseguiu "compreender seus sentimentos", ou seja, ela precisou ficar pobre para ter "dó" dos pobres. O desabafo, no entanto, é mais subjetivo. Atrevo-me a dizer que nem em *Quarto de Despejo* e nem em *Casa de Alvenaria* Carolina se queixa de seus antigos patrões. A opressão sofrida nos empregos que teve só aparece em *Diário de Bitita*, onde relata diversas vezes em que foi roubada pelos patrões, como podemos observar no capítulo "Doméstica",

Quando voltamos para Conquista, ela [a patroa] despediu-me! Deu cem mil-réis como pagamento para mim e para minha mãe. Ela falou que ia pagar setenta cruzeiros para mim. Eu teria que receber duzentos e vinte e um mil-réis. E a minha mãe cento e cinquenta.³²

A ausência de casos de opressão mais explícitos em *Quarto de Despejo* pode ser resultado do fato de Carolina trabalhar de forma mais autônoma nesse momento, como catadora de papel. Assim, não tinha um patrão direto. Mas, de certa forma, ela também aparece.

Eu já estou aborrecendo de catar papel, porque quando eu chego no depósito tem a Cicilia que trabalha lá e é muito bruta. Insulta-me e eu finjo não ouvir. Diz que sou fidida. Dia 27 a Cicilia não deixou o José Carlos ir no mitorio. A Cicilia é tão bruta que a sua presença afasta o dono no depósito.³³

³¹ SILVA, J. C. G. *História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Porto Seguro, Bahia. p.22.

³² JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.148.

³³ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 104.

Cicília era uma trabalhadora também, provavelmente secretária do depósito. No entanto, ela parece acreditar em um lugar privilegiado em relação a Carolina e por isso oprime tanto ela como seus filhos. Essas disputas no interior da própria classe trabalhadora também são reveladoras da condição de exploração a que estava submetida Carolina. Seu trabalho, árduo e precarizado não permitia que ela andasse limpa, vivia fedida e maltrapilha, e isso era externalizado. Essas situações reforçam o desabafo de Maria Clara, enquanto reflexo da condição vivida sistematicamente por trabalhadores em situações de intensa exploração.

Mas as situações vividas tanto por Maria Clara como também por Paulo não se baseavam apenas nas experiências vividas por Carolina, mas também em experiências observadas por ela ao longo de sua vida. Paulo, por exemplo, não trabalhava, só “dormia e se lamentava”. Pode ter sido inspirado em vários homens do Canindé, como o Alexandre que “não precisa pensar em trabalho. Porque obriga a esposa a pedir esmola”³⁴, ou até no próprio pai de Carolina, que segundo ela “tocava violão e não gostava de trabalhar”.³⁵ Em outro momento, ela narra que, na favela

[...] há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantêm o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.³⁶

Nesse relato percebemos uma forte aproximação com a condição que Maria Clara vive em São Paulo, tendo que aprender a trabalhar para sustentar Paulo e, posteriormente, Paulo e seu filho. Nesse sentido, a "cultura erudita" de Carolina se articula a sua experiência histórica e de sua classe, possibilitando o desenvolvimento do enredo a partir de quadros sensíveis, que se conectam entre si.

³⁴ *Idem*. p. 97.

³⁵ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014b. p.14.

³⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 20.

É curioso observar que, em *Casa de Alvenaria*, Carolina faz a seguinte observação: "não gosto do meu diário. Eu não sei o que é que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados".³⁷ Elzira Divina Perpétua também aponta a seguinte observação que Carolina faz em um de seus manuscritos sobre o lançamento de *Quarto de Despejo*: "É um livro horrorôso! O livro que eu nunca pensei escrever. É o livro que vae desgraçar a minha vida. E o livro que vae regridir a minha existência pensei. mas, não disse isto para elas".³⁸

Esses apontamentos são interessantes para percebermos como a relação entre a experiência e a erudição se dava de uma forma tão complexa que, mesmo ao tentar "fugir" da cultura popular, aprendida na experiência e representada pelos diários, Carolina a "repete", mesmo que de forma inconsciente, quando elabora a sua cultura erudita, em forma de romance. É certo que no romance as situações são floreadas e as tragédias não são descritas com a crueza dos diários, mas elas não deixam de estar presentes. Ela poderia ter escrito o romance de outra forma, a menina poderia ter sofrido por outros motivos, ter sido sequestrada, por exemplo, ou ela poderia ter se apaixonado por alguém pobre, mas que fosse trabalhador e ensinasse à Maria Clara o valor do trabalho (muito exaltado por Carolina, por sinal). Mas Carolina escolheu exaltar um mau casamento, um homem vadio e uma mulher que se obriga a aprender a sobreviver. E como resultado de tudo isso: a fome e um filho para criar. Me arrisco a dizer que a cultura erudita de Carolina, ou seja, sua escrita, tomava sentido dentro do "contexto real da experiência vivida"³⁹, como também das relações sociais estabelecidas e observadas por ela.

A relação entre a cultura popular e a cultura erudita também se estabelece por outro viés ao longo da trajetória de Carolina. Nos diários, principalmente, podemos perceber como a cultura erudita é "trazida" para o campo da cultura

³⁷ JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1961. p. 28.

³⁸ PERPÉTUA, Elzira Divina. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 22. Brasília, janeiro/junho de 2003.

³⁹ THOMPSON, E. P. *Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. p. 40

popular, por meio das estratégias de linguagem. Um exemplo dessa prática pode ser visto no trecho em que ela parafraseia Casemiro de Abreu,

Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: 'Ri criança. A vida é bela'. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga".⁴⁰ É interessante observar que Carolina escreve essa "paráfrase" no dia 19 de maio de 1958. Neste dia, o tema central de sua narrativa era a fome. Logo ao acordar ela comenta que "O mundo das aves deve ser melhor do que o dos favelados, que deitam-se e não dorme, porque deitam-se sem comer"⁴¹; mais adiante ela também escreve que, "Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: - Olha o pão doce, que está na hora do café. Mal sabe ele que na favela é a minoria que toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer".⁴² Poucos dias após ter feito essas observações, em 27 de maio de 1958, ela narra: "percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida?"⁴³

Não é "à toa" que Carolina faz essa associação da amargura da vida ao olhar a filha sorrindo. Embora só tenha relatado a amargura da boca em decorrência da fome no dia 27 de maio, Carolina já havia passado fome em outros momentos, assim como sua filha, Vera e seus filhos João e José, ou como a maioria dos favelados que não tomam café e comem quando "arranjam o que comer".

Nos manuscritos de Carolina, podemos observar outros exemplos de "paráfrases", como este apontado por Fernandez,

Todos os favelados estão magros. É deficiência alimentar, falta de água. Olhando aquelas crianças raquíticas pensei nos versos de Olavo Bilac
Criança ama a terra que nacêste
Não veras no mundo, pais igual a êste

⁴⁰ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 35-36.

⁴¹ *Idem*. p. 35

⁴² *Idem*. p. 35

⁴³ *Idem*. p. 44

Eu estava com dez anos quando li êste verso e concordei com o poeta. Naquela epoca não existia favela. Não existia fome. Os preços dos generos de primeira necessidade era ao alcance de todos. ⁴⁴

Dessa forma, Carolina vive sua condição tão intensamente que a literatura - tanto aquela produzida por ela, como também sua "literatura de referência" - eram (re) significadas a partir da sua própria realidade, a partir daquilo que era concreto e que respondia a inquietações da sua vida imediata.

Outra estratégia de escrita utilizada por Carolina, e que chama atenção por criar essa relação entre o erudito e o popular, é a metáfora. Ela é muito utilizada na construção dos diários, visto que o próprio nome de *Quarto de Despejo* é inspirado em uma dessas metáforas, como já apontado anteriormente.

A péssima qualidade em que vivem os favelados é geralmente associada a má gestão pública, não sendo poucos os momentos em que podemos observar reflexões e críticas de Carolina em relação aos políticos. Em 5 de junho de 1958, ela escreve:

[...] Mas eu já observei nossos políticos. Para observa-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comovem os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragedias que os políticos representam em relação ao povo.⁴⁵

Carolina não apenas escrevia sobre os políticos a partir de seu cotidiano, ela foi observá-los em seu local de trabalho, se o que ela chama de "Assembleia" for a Assembleia Legislativa de São Paulo, ou mesmo a Câmara Municipal. Assim como ela observou a reação dos pobres diante do Serviço Social. Essa "pesquisa" foi feita por ela na condição de "poeta", como um "expectador que assiste e observa as tragédias", ou seja, como alguém que está - pelo menos nesse momento de

⁴⁴ FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Campinas, 2015. p. 34.

⁴⁵ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014a. p. 53.

observação - fora dessa condição. A linguagem utilizada, no entanto, revela traços dessa condição. Primeiro ela faz uma associação entre o purgatório, a Assembleia e o Serviço Social. Tanto a Assembleia, como o Serviço Social - e principalmente este último - que deveriam ser ambientes onde os problemas sociais são resolvidos, tornam-se, na observação - e na própria experiência de Carolina - um lugar onde os pobres "pagam seus pecados". Os políticos, por sua vez, "representam" a tragédia, como se encenassem uma peça de teatro, um espetáculo com um final fatal para o povo. Em outro momento ela ainda faz a seguinte reflexão:

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: "Tem mais? Esta palavra "tem mais" fica oscilando dentro de um cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais.

... Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.⁴⁶

Nesse caso, Carolina escolhe falar do fingimento dos políticos. Mas, como parte da classe, se expressa nos termos de sua experiência. A análise que ela faz da promessa e sua negativa são vividas e traduzidas como um desprezo pessoal. Juntar-se ao povo se comprometendo com ele para, depois, "divorciar-se" dele, rejeitá-lo, desconsiderar as suas necessidades, "ferir-lhe" a sensibilidade, como um marido que abandona a família.

CONCLUSÃO

Retomando o que já foi dito, a partir dessas colocações podemos perceber como a erudição e a cultura popular ora se afastavam, ora se aproximavam enquanto "duas faces" da vida de Carolina. É essa oscilação que torna significativa, não apenas as obras, mas a própria trajetória a partir da qual constrói os seus textos, visto que eles nos revelam as pressões e os embates sofridos pela classe

⁴⁶ *Idem.* p. 38

trabalhadora do ponto de vista histórico da relação entre a experiência e a erudição.

As questões aqui debatidas são apenas algumas das muitas possibilidades de interação entre a História e a Literatura. Além dos escritos literários serem reflexos dos momentos históricos e sociais em que foram produzidos, eles também são resultados de experiências vivenciadas pelos sujeitos que os produzem, revelando assim, não apenas questões de dimensão histórica, mas também social, econômica, cultural, produzidas a partir da própria consciência social e de classe dos escritores.

Os escritos de Carolina, por exemplo, refletem modos de viver e de pensar que são próprios da classe trabalhadora, revelando assim, questões que nem sempre são encontradas em outras fontes de pesquisas, como em documentos oficiais, por exemplo. Isso acontece por ser ela mesma parte da classe, produzindo dessa forma escritos que são pensados a partir de uma visão “de baixo”.

Recebido em: 30/08/2018
Aprovado em: 21/12/2018